



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS, LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Tharcísio Adelino Cerqueira

Thúlio Adelino Cerqueira

Jacobina - Bahia
2015

Tharcísio Adelino Cerqueira

Thúlio Adelino Cerqueira

**A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada para
Conclusão de Curso de Licenciatura em
Letras Vernáculas, Departamento de
Ciências Humanas – Campus IV,
Universidade do Estado da Bahia –
como requisito obrigatório para
obtenção do grau de licenciados em
Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizabeth
Gonzaga de Lima.

Jacobina - Bahia
2015

Tharcísio Adelino Cerqueira

Thúlio Adelino Cerqueira

**A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM *PONCIÁ VICÊNCIO*
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Monografia apresentada para Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, Universidade do Estado da Bahia – como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciados em Letras Vernáculas.

Data:

Resultado: _____

Professora Dr^a. Elizabeth Gonzaga de Lima - UNEB- DCH IV.
Orientadora

Professor Ma. Maria Iraídes da Silva Barreto - UNEB- DCH IV.
Banca Examinadora

Professor Ms. Ricardo Piera Chacón – UFBA.
Banca Examinadora

Dedicamos esse trabalho monográfico a nossa família, nossos pais e em especial a nossas esposas: Jailza Torres e Indna Aryane Carvalho Cerqueira. Filhos: Thiago Torres, Letícia Torres, razão do meu viver. E Thaís Carvalho Cerqueira, minha filha amada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por nos conceder a oportunidade de concluir mais uma etapa da nossa formação, por ter nos dado graça, sabedoria, saúde e força para concretizar mais uma etapa de nossa vida. Agradecemos também aos nossos pais José Olímpio e Vera Lúcia que sempre nos ajudaram e oraram por nós, e que como excelentes pais sempre investiram o melhor que possuíam na nossa educação. Quero agradecer também a minha esposa e companheira Jailza Torres que muito contribuiu para que eu chegasse até aqui, pelo apoio e auxílio que oferece para a realização dos meus projetos. Agradeço também aos meus filhos Thiago Torres e Letícia Torres que são a razão do meu viver, nos quais busco forças e inspiração para sempre seguir em frente. Agradeço em especial a minha esposa Indnna Cerqueira e minha filha Thaís Cerqueira por todo apoio e motivação que me deram.

Queremos agradecer a professora e orientadora Elizabeth Lima, primeiramente por ser uma professora inspiradora e uma excelente referência de educadora, em segundo lugar pelas orientações que possibilitaram a conclusão desse trabalho, pela paciência e compreensão. Somos gratos também a todos os professores e professoras que contribuíram nas nossas formações, ao colegiado do curso de Letras Vernáculas e a todos que trabalham para que esse curso aconteça.

No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amor, devolviam-me, com uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.

(FANON, 2008, p. 107)

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade investigar de que maneira a Literatura Afro-brasileira pode contribuir na busca pela afirmação da identidade e cultura negra, pois ela promove um espaço em que se torna possível evidenciar a negritude e romper com estereótipos herdados do período da escravidão. Desta forma, visa-se apresentar como a identidade e a cultura negra são valorizadas através dos personagens do livro *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora Conceição Evaristo, além de identificar nesta obra momentos de resistência e luta pela afirmação e reconhecimento social do negro. Em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo apresenta a complexidade dos personagens, expondo suas características e relações com a causa do negro. Busca-se ainda examinar como a negritude foi representada no romance pela escritora, discutindo de que maneira a obra engajou-se numa representação mais próxima e compromissada com a identidade negra, abordando a presença do discurso da exclusão do negro na sociedade e a maneira pela qual a voz de uma mulher negra emerge em uma literatura brasileira marcada por um cânone branco, masculino e elitista.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-brasileira. Negritude. Memória. Identidade.

ABSTRACT

This study aims to investigate how the African-Brazilian literature can contribute to the search for the affirmation of black identity and culture because it promotes a space where it is possible to demonstrate the negritude and break with the legacy of slavery period stereotypes. Thus, the aim is to present the identity and black culture are valued through the characters of the book *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo, and identify in this work moments of resistance and struggle for the affirmation and social recognition of black people. In *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo shows the complexity of the characters, showing their characteristics and relationships with the cause of black people. We seek further to examine how the negritude was presented in the novel by the writer, discussing how the work is engaged in a representation closer and more committed to black identity, by addressing the presence of black people exclusion discourse in society and the way in which the voice of a black woman emerges in a Brazilian literature marked by a white, male and elitist canon.

KEYWORDS: Afro-Brazilian Literature. Negritude. Memory. Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 UM BREVE PANORAMA DA NEGRITUDE NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	12
1.1 A Constituição da Literatura afro-brasileira à margem do cânone nacional.	12
1.2 Negro como objeto x negro como sujeito: dois momentos da representação do negro na literatura brasileira	18
1.3 Sentidos dos termos negritude e Negritude	27
2 A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO.....	37
2.1 Conceição Evaristo: uma “voz mulher” no romance afro-brasileiro	37
2.2 História, memória e ficção em <i>Ponciá Vicêncio</i>	43
2.3 Ponciá Vicêncio: afirmação identitária da cultura negra	48
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende examinar a trajetória do negro na literatura brasileira e afro-brasileira, bem como, mostrar que ela divide-se em dois momentos. No primeiro, o negro é representado de maneira distanciada e estereotipada, apenas como “objeto”, não é uma literatura do negro, mas sim sobre o negro. Neste momento, o que ganha destaque é o relato da situação de miséria em que o negro se encontrava, não há uma afirmação nem a valorização da identidade e cultura negra, a negritude é vista de forma negativa. No segundo momento, o negro deixa de ser representado como objeto e passa a ser sujeito de sua história, a identidade cultural do negro é reconhecida e valorizada, há uma afirmação dessa identidade, uma busca pelo reconhecimento social e uma valorização das origens, lutas e culturas negras.

Sabe-se que o cânone da literatura brasileira caracteriza-se por ser elitista e excludente, pois está profundamente ligado ao sistema de ideias de um dado momento em que os autores brancos e do sexo masculino tinham uma presença maior que os autores negros e de sexo feminino, marginalizando a presença desses segmentos na cena literária.

Diante disso, Domício Proença reafirma o papel do negro como sujeito ao afirmar que “o poeta se assume como sujeito, na afirmação da identidade cultural. Consciente da situação do negro, seja no Brasil, seja na África, seja nas demais comunidades da diáspora africana não carregam, entretanto, a pele como um fardo”. (PROENÇA, p.183, 2004).

Dessa forma, podemos observar que a sociedade brasileira, por um longo período de sua história, manteve as mulheres e os negros afastados dos ambientes educativos e, conseqüentemente, contribuiu para que a escrita desses grupos fosse silenciada e por vezes ocultada. Todavia, com a emergência de movimentos sociais e culturais eles começaram a produzir literatura, embora a visibilidade das produções literárias dos grupos negro e feminino ainda é mínima, considerando a atuação excludente do mercado editorial, que invisibiliza as obras e os escritores.

A escolha do tema surgiu mediante o contato com a obra *Ponciá Vicêncio*, da forma como a autora representou a valorização e resgate das tradições e memórias negras, o que despertou o nosso interesse. Ficou ainda mais claro o papel que a literatura afro-brasileira pode desempenhar como um instrumento de autoafirmação da cultura afro e seus valores. Sabe-se que vivemos num país no qual o negro ainda é alvo de discriminação, e a literatura

que retrata o negro sem estereótipos e sem estar atrelado a uma visão negativa pode corroborar para que esse preconceito seja eliminado, assim como ampliar as pesquisas acadêmicas que tratam da literatura afro-brasileira, como também levantar discussões acerca dessa literatura e a sua exclusão no cânone literário nacional.

Assim, temos como objetivo abordar como a identidade e a cultura negra são valorizadas através dos personagens na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora Conceição Evaristo, identificando nela momentos de resistência e luta pela afirmação e pelo reconhecimento social, além de investigar aspectos da negritude que delineiam tal obra como engajada numa representação mais próxima e compromissada com a identidade negra.

Para a realização da análise foram feitas pesquisas bibliográficas sendo que o método utilizado foi a pesquisa de cunho interpretativo (análise subjetiva), na qual fizemos leitura do romance analisando-o a partir de traços marcantes nesse sentido.

Como base de pesquisa utilizamos Zilá Bernd (1988) e Domício Proença (2004), estudiosos do tema, no intuito de compreendermos de forma mais significativa o que foi o movimento da Negritude e como a literatura veio a desempenhar um papel fundamental nessa luta do negro, utilizamos também a escritora Conceição Evaristo (2003) trazendo a literatura negra e a cultura afrodescendente e Eduardo de Assis Duarte (2005), com a representação do negro. A redação está organizada em dois capítulos, constando de três subtópicos cada um.

O capítulo I intitulado “Um breve Panorama da negritude na literatura afro-brasileira”, examina de forma resumida a trajetória do negro na literatura afro-brasileira e a constituição da Literatura afro-brasileira à margem do cânone nacional, elencando os principais motivos dessa marginalização. Seguindo essa temática abordamos também a representação do negro dentro da literatura mostrando-o como objeto e como sujeito. Finalizamos este capítulo trazendo os sentidos atribuídos por alguns autores à Negritude e negritude.

Já no capítulo II, “A representação da negritude em *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo”, apresentamos a autora Conceição Evaristo: uma “voz mulher” no romance afro-brasileiro, relatando sua história de vida e os poemas que marcaram a afirmação de que a mulher negra necessita ter voz. Tratamos questões de história, memória, ficção e identidade percebidas no livro *Ponciá Vicêncio*. Busca-se mostrar nesse capítulo através de análises como a negritude é representada na obra.

1 UM BREVE PANORAMA DA NEGRITUDE NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A literatura negra durante muito tempo foi invisibilizada do cenário literário brasileiro, pois, a literatura canônica caracterizou-se pelo caráter branco, europeu e masculino. Nota-se que ainda hoje muita coisa precisa mudar em relação à visibilidade da literatura negra, pois, mesmo com as diversas produções afro-brasileiras existentes no meio literário percebe-se que as mesmas ainda situam-se às margens do cânone literário.

Por isso, o surgimento de escritores que assumem o discurso negro torna-se fundamental para a constituição de uma Literatura Afro-brasileira, que culmina em uma literatura de reconhecimento do negro enquanto indivíduo, como demonstram escritores, como Luís Gama, Lima Barreto e Solano Trindade entre outros, que tentaram reverter o sentido do termo negro, rompendo com os estereótipos antes construídos pela sociedade brasileira que atribuía ao termo um sentido pejorativo.

Tais escritores são responsáveis por uma representação mais aproximada do negro, onde o mesmo é o sujeito da sua história, representação mais compromissada com os valores, as memórias e a cultura negra. E o que há de comum nesses escritos é que têm como ponto de partida o status de ser negro, produções que contam a história do povo negro em busca de resgatar sua cultura e o seu modo de ser enquanto indivíduo, visto que por muito tempo esse grupo social foi exposto com base em estereótipos. A busca por essa afirmação e valorização do negro é caracterizada como negritude, a partir dessa consciência surgiram movimentos de militância como o da Negritude que através de movimentos artísticos e principalmente da literatura buscam difundir a cultura e os valores da comunidade afro-brasileira.

1.1 A Constituição da Literatura afro-brasileira à margem do cânone nacional.

O termo literatura afro-brasileira foi empregado para designar uma literatura brasileira com traços e características de heranças africanas. Assim, ao longo do tempo podemos afirmar que a literatura foi um instrumento utilizado para reivindicar e lutar pelas identidades perdidas ou negadas. Apesar de estar à margem do cânone literário brasileiro, a literatura afro

carrega consigo traços culturais e histórias, que a sustentam e a fundamentam como um elemento importante dentro da cultura brasileira:

A expressão “literatura negra”, presente em antologias literárias publicadas em vários países, está ligada a discussões no interior de movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe, espalharam-se por outros espaços e incentivaram um tipo de literatura que assumia as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afro-descendentes. Através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo. (SOARES FONSECA, p.11 apud SOUZA,2006)

Tal literatura surge com o propósito de afirmação do sentimento de pertencer e declarar-se negro, embora saibamos que as obras de escritores negros ou afrodescendentes, por estarem à margem do cânone nacional, não costumam serem utilizadas no âmbito escolar e, são pouco conhecidas por parte do público em geral. Atualmente busca-se mudar esse quadro na educação pública com a implantação da disciplina Cultura Afro no currículo das redes de ensino, tem-se tentado cumprir o que orienta a Lei nº 10.639/03, estabelecendo a obrigatoriedade de tal ensino:

Art. 1º A lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts.26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26 – A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. §

1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial na áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.

563

§ 3º (VETADO)

Art. 79-A (VETADO)

Art. 79-B O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional

da Consciência Negra. (BRASIL, 2003)

A inclusão do sentimento de pertença do negro brasileiro torna-se determinante para a composição da sua identidade. Assim, a literatura afro-brasileira apresenta como uma das suas características o reconhecimento do sujeito negro de pertencer à comunidade negra:

Considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185)

Sobre esse sentimento de pertença à raça negra Zilá Bernd (1987, p.21) alega que “os grupos negros brasileiros estão justamente empenhados em resgatar uma história negra, em recontá-la a partir de outra ótica que não a do dominador, que nunca descuidou de opacificar a participação do negro na história desse país”. É nesse sentido que os fatos dessa nova história do povo negro deveriam partir da consideração da negritude como reconhecimento e conscientização de uma situação de dominação e discriminação, porém seguida pela busca da ascensão do negro:

A partir da segunda metade do século XX podemos falar de autores com Ruth Guimarães, Muniz Sodré, Joel Rufino dos Santos, Geni Guimarães, Cuti, Conceição Evaristo, Edmilson Pereira, Adão Ventura, outros escritores que produzem textos sobre aspectos da tradição histórico-cultural de origem africana no Brasil, ou sobre aspectos do cotidiano do afro-brasileiro ou ainda levantam em seus textos questões sobre o que entendem por literatura afro-brasileira ou literatura negra. (SOUZA, 2005, p.68)

O surgimento de uma escrita engajada com a causa dos negros partiu da ideia de mudança ou reconstrução de sua imagem diante da sociedade. Sabemos que a representação do negro na literatura nacional muitas vezes foi apresentada com características negativas, a partir daí alguns autores negros iniciaram uma literatura que valorizava o negro numa tentativa de reverter essa imagem, o escritor Cuti reafirma essa ideia:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a

receber daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestações reivindicatórias apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010 p. 44.)

É fato que existem produções no Brasil compromissadas com a valorização e divulgação da cultura e literatura negra, fica claro que esta ainda está situada às margens do cânone nacional que é composto por obras qualificadas como clássicas. Calvino (1993, p.9) considera que “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”. Por conseguinte, é válido destacar que os Clássicos são obras que estão inclusas nos cânones literários e, sobre isso Jacomel (2008, p. 112) assegura:

Em sua etimologia, o termo cânone, vem do grego *kanón*, compreendia uma regra, um modelo ou norma representada por uma obra ou um poeta. Semelhantemente, a Igreja utilizou este termo para designar uma lista de santos e também uma seleção de livros reconhecidos como dignos de autoridade. Ou seja, as origens do termo estão fundamentadas em um processo de exclusões.

O cânone está associado à disseminação de valores e a imposição de critérios estabelecidos pela crítica literária que possibilita diferenciar os livros considerados clássicos dos não clássicos. “É importante ressaltarmos que o poder de seleção está nas mãos de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas — os críticos. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos, quais livros se tornaram clássicos [...]” (LIMA; 2006 p. 12).

Por trás de noções como linguagem, cultura, escrita e literatura, mesmo se não as tratarmos (como seria mais indicado) em termos históricos e menos abrangentes, se esconde a noção de poder [e] para trabalhar o conceito de “cânon” é importante ter em mente este horizonte, pois o que se pretende, ao se questionar o processo de canonização de obras literárias é, em última instância, colocar em xeque os mecanismos de poder a ele subjacentes. (REIS,1992, p. 68)

Percebe-se que desde o surgimento da Literatura Brasileira esta teve um caráter seletivo, ditando o que deve ser considerado clássico ou não. Sendo possível entender que o cânone é o princípio de uma exclusão, pois segundo afirma Compagnon (2006, p.33), “todo julgamento de valor repousa num atestado de exclusão”. Domício Proença Filho (2005) revela

a importância da constituição de uma literatura afro-brasileira na qual o negro possa ocupar o mesmo espaço do branco, uma vez que ele nunca havia sido protagonista na história, ocupava apenas posições subalternas.

Um dos principais fatores que ajuda a perpetuar essa marginalização é a ideia de que somos um país onde existe uma democracia racial, tal pensamento defende que por sermos um país miscigenado não existe discriminação entre as diferentes raças, pois temos o mesmo sangue, e sendo assim não deve haver separação entre a literatura negra e a brasileira. Essa ideia corrobora ainda mais para um discurso excludente, pois privilegia uma literatura hegemônica predominante (formada a partir de valores brancos, cristãos, na qual a maior parte dos autores é do sexo masculino e heterossexual) e não abre espaço para as produções literárias negras:

Somos, de fato, filhos de três raças. E nossa sociedade foi esculpida por três culturas bem distintas. Mas a “Democracia Racial” [...] é uma fábula. Sendo assim, essa ‘Democracia Racial’ não é um troféu que devemos erguer com orgulho, não é verdadeira, ainda é uma construção ou, para os mais pessimistas, um sonho. (FREYRE, 1999, p. 567).

Outra abordagem levantada quando se refere à literatura Brasileira e suas particularidades é o porquê de não ser preciso usar o termo literatura branca para representar os escritores do cânone nacional, em contrapartida à literatura escrita por negros ou afro-brasileiros. Nesse sentido, Nazareth Fonseca argumenta que:

Quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país. As expressões “literatura negra”, “poesia negra”, “cultura negra” circularam com maior intensidade na nossa sociedade a partir do momento em que tivemos de enfrentar a questão da nossa identidade cultural. (FONSECA, 2006 p. 13.)

E para entender como se deu a constituição da literatura afro-brasileira é necessário conhecer a trajetória do negro na literatura brasileira. Autores como Domício Proença Filho

(2004) e Eduardo Assis Duarte (2005), destacam que o negro na escrita literária nacional foi muitas vezes representado com aspectos depreciativos. Duarte (2005) em seu texto “Literatura e Afrodescendência” revela a ocultação e o silenciamento que houve nas vozes afro-brasileiras:

Percebemos, ao percorrer os caminhos de nossa historiografia literária, a existência de vazios e omissões que apontam para a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social. (DUARTE, 2005, p. 27)

Constata-se que mesmo produções afro-brasileiras cuja publicação já alcança uma tradição, a exemplo dos Cadernos Negros, ficam fora do mercado editorial e tem uma circulação restrita. Nos programas literários das escolas, nas academias e nos ambientes de leitura pouco circulam a literatura negra se compararmos com a canônica de moldes europeus, expressões como “literatura afro” e “poesia negra” ainda soam como novidade para muitas pessoas. Eduardo Assis Duarte, ao considerar a constituição dessa literatura, relata algumas dificuldades enfrentadas por esse segmento, sendo que merece destaque a falta de publicação de material elaborado por escritores negros ou de temática negra

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população. (DUARTE, 2005, p 45)

Com o tempo buscou-se através de escritores comprometidos com uma escrita negra superar esse apagamento e dar voz à comunidade afro, pois uma escrita que tem tal empenho narra de fato a história do negro e os conflitos vividos por esse povo, que agora não mais se veem como vítimas da história, mas que procuram lutar por igualdade e representação no meio literário. Sobre essa luta Souza nos mostra que ela tem base na:

Construção de uma origem cultural de bases africanas; valorização de costumes, religião e outras tradições herdadas das culturas africanas; resgate de episódios históricos que evidenciam o comportamento heroico do negro no Brasil para a necessidade de assumir uma identidade afro-brasileira,

insurgir-se contra o racismo e disputar o acesso aos espaços de poder. (SOUZA, 2006, p. 110)

Considerando a trajetória da literatura afro-brasileira, não podemos deixar de citar que esta tem como base uma escrita pautada no resgate da memória, dando visibilidade à cultura e aos costumes que lhes são próprios. Tal literatura busca evidenciar o negro e seus verdadeiros valores, cultura e identidade. Escritoras como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Geni Guimarães, entre outras, cumprem esse papel através de seus poemas, romances e contos.

Percebe-se por fim, que mesmo após o surgimento de escritores engajados na causa do negro, ainda há muita dificuldade no tocante à exposição de suas produções diante do público em geral. Diante desse quadro de dificuldades que prejudicaram e ainda prejudicam a difusão da literatura negra, ficam explícitos alguns motivos pelos quais a literatura negra ou afro-brasileira¹ ter sido constituída à margem do cânone literário nacional.

1.2 Negro como objeto x negro como sujeito: dois momentos da representação do negro na literatura brasileira

O negro, ao longo da história da literatura brasileira, foi representado de duas maneiras, no primeiro momento, através de uma visão distanciada, na condição de objeto, já no segundo momento, através de uma atitude mais compromissada, o negro passa a ser sujeito de sua própria história. No primeiro momento, em que o negro é apenas objeto da história, é a literatura sobre o negro, a história do negro contada pela classe branca dominante. Nesta literatura o negro é reconhecido como personagem, mas sua imagem é rodeada de características negativas. O autor Domício Proença Filho (2004) traça a trajetória do negro na literatura desde o século XVII, mostrando como o poeta barroco Gregório de Matos (1996) critica os negros mulatos e mestiços de maneira satírica, como podemos comprovar nos versos a frente:

¹ Em virtude das várias acepções que é usada para esta literatura, utilizaremos ora literatura negra, ora afro-brasileira.

[...]
 Quais são os seus doces objetos?..... Pretos
 Tem outros bens mais maciços?..... Mestiços
 Quais destes lhe são mais gratos?..... Mulatos.
 Dou ao demo os insensatos,
 Dou ao demo a gente asnal,
 Que estima por cabedal
 Pretos, mestiços, mulatos.[...]
 (MATOS, 1996, p. 54)

Nesses fragmentos Matos (1996), narrava a fome que assolava a Bahia, como também usando de sua sátira pra falar de todas as classes da sociedade, desde a alta até aos menos favorecidos, neste caso, representados por negros, mestiços e mulatos, os quais subentende-se que o autor culpa pela então situação do estado, assim, já podemos evidenciar os estereótipos negativos que já estavam atrelados à imagem do negro na sociedade colonial brasileira e por conseguinte na literatura.

De acordo com Proença Filho (2004) o negro recebeu várias descrições na literatura, entre elas, estão a do negro nobre, nos romances *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães e no *Mulato*, de Aluísio de Azevedo, nos quais o negro ocupava o papel de subalterno, no qual era domesticado e ficava a mercê do seu Senhor, mas mesmo sendo escolarizado e possuindo uma condição melhor do que os outros escravos, esses personagens não possuíam a liberdade e a todo o momento deviam obediência ao seu senhor:

Começo pelo escravo nobre, que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação. É o caso da escrava Isaura, do livro do mesmo nome e de Raimundo, o belíssimo mulato de olhos azuis. Essa nobreza identifica-se claramente com a aceitação da submissão, apesar da bandeira abolicionista que o primeiro pretende empunhar e da denúncia do preconceito assumida pelo segundo [...]. À nobreza de caráter de Isaura e de Raimundo associa-se outra dimensão estereotipada: a do negro vítima, sobretudo quando escravo (PROENÇA FILHO, 2004, p. 163).

Assim, Domício Proença Filho (2004) em seu texto “A Trajetória do Negro na Literatura Brasileira”, assinala que por um extenso momento da nossa história literária a representação do negro era apontada por estereótipos que iam desde a criatura passiva, submissa até o personagem elemento de idealização e pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista. Mas é importante ressaltar que nem todos os autores que

relatavam a luta do povo negro escreviam uma literatura verdadeiramente afro-brasileira, visto que, nas entrelinhas destes escritos percebemos uma identidade corrompida, ligada diretamente aos negros:

[...] falsa poesia negra' na medida em que produz e reforça estereótipos negativos e visões preconceituosas sobre o negro. Era, pois uma poesia 'branca' a respeito de temas negros, porque escrita em linguagem 'branca', constituindo-se em grande parte, em um exercício de auto lisonja dos escritores brancos que enfatizavam o quão importante é ser branco. (BERND, 1987, p.70)

Mesmo quando os protagonistas de poemas e romances eram escravos, os seus autores davam-lhe traços do homem branco, uma forma de tentar valorizar o negro, e demonstrar que eles podiam ser comportados, “dóceis”, mais sempre reconhecendo sua posição como escravo. Assim, podemos destacar que a principal causa de associar o negro como vítima está atrelada apenas à cor de sua pele. Dando continuidade as especificações do negro na literatura, Proença descreve o negro erotizado, nos romances *O cortiço*, pois a personagem Rita Baiana é vista como objeto de prazer, possuindo uma situação de inferioridade por ser negra, a ponto de ser motivo de desgosto o tipo de sangue africano que corre no sangue da personagem. O romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo (1997) apresenta referências do negro como uma raça considerada inferior:

- Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em manter-se de novo com o português, por que, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior á sua. (AZEVEDO, 1997 p.16)

Jorge Amado em *Jubiabá* e *Gabriela cravo e canela* construiu personagens de forma sensual explorando bastante a sexualidade. Em *Jubiabá* o personagem principal é caracterizado como um homem (negro) objeto de desejo, musculoso, forte, macho, viril, as mulheres negras, por sua vez, foram representadas como maliciosas, pois só serviam para amantes de seus senhores brancos, sendo temidas pelas senhoras por serem “sedutoras”. Acerca disso, Eduardo de Assis Duarte (2009), no artigo ‘Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade’ ressalta:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a

Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. ‘Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar. (DUARTE, 2009)

Sendo assim, a condição de mulher como objeto de prazer marca a representação da mulher afro-brasileira, que será traduzida como símbolo de erotismo, impulsos sexuais desenfreados e como sinônimo de descompromisso, além de servir como uma via de escape para o homem branco realizar seus desejos mais íntimos e promíscuos, coisa que não pode ser feita com a mulher branca, pois esta geralmente é representada como símbolo de pureza e castidade, muitas vezes realçadas com expressões que denotam traços angelicais, como por exemplo, o romantismo no Brasil apresentou.

Proença Filho cita também poemas e peças teatrais, tais como *O auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, a peça *Orfeu Negro*, de Vinícius de Moraes, obras de Mário de Andrade, Cruz e Souza, entre outros, a fim de reforçar as várias facetas criadas em torno da representação do negro na Literatura brasileira:

Essa poetização da figura do negro, mais configurada nas manifestações literárias do século XIX, culminou para torna-se, segundo penso uma faca de dois gumes: se, como quer ainda o mesmo Antônio Candido, conseguiu impor à dignidade humana do negro, por outro lado passou a ser uma via de saída confortável para o preconceito presente na realidade brasileira, na medida em que acabou escoando na aceitação do negro e do mestiço de negro reconhecido como tal enquanto emocionalmente e socialmente bem comportados, dóceis, resignados e que, como Isaura, sabem reconhecer o lugar que socialmente lhes foi imposto. (PROENÇA FILHO, 2004, P. 175).

Helio José Luciano (2012) no artigo intitulado, “O negro na literatura brasileira: de objeto a sujeito”, aponta que a literatura infantil Brasileira também apresentou o negro como um ser inferior, colocando-o apenas como empregado, por vezes escravo, fato que pode ser encontrado de maneira específica na obra *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* (1947) de Monteiro Lobato, com a personagem tia Anastácia, que apresenta segundo o autor, uma marca negativa, por ser negra, mulher, analfabeta, subalterna e empregada. O papel da personagem na história se resume a cozinhar e servir os demais personagens, sempre ali na cozinha, silenciada, ela demonstra ser feliz, a despeito da posição que exerce. Essa representação do negro como objeto na Literatura Brasileira, deixando de lado a cultura e seus valores, contribuiu para reforçar uma imagem deturpada do negro:

Não há como negar que a literatura produziu e, infelizmente, ainda produz um campo semântico sobre o negro de extrema violência verbal, e tal negatividade termina por construir um imaginário que se perpetua no campo social, criando distorções históricas, erguendo preconceitos, pois é a visão da elite branca e a voz do branco que tecem a representação do negro até o século XIX. (LIMA, 2014, p.49)

Desta maneira, segundo Domício Proença Filho (2004) o predomínio da visão distanciada permanece, ainda na literatura brasileira contemporânea, pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos comprometidos com o assumir-se afrodescendente. Ainda segundo o autor, tal imagem, entretanto, vem se diluindo desde as duas décadas finais do século passado, “diante dos posicionamentos daqueles que seguem empenhados na luta pela afirmação cultural e pela legítima e devida integração do negro à sociedade brasileira, para além dos estereótipos e das distorções”. (PROENÇA FILHO, 2004, P. 170).

De acordo com Proença (2004), a literatura que representa o negro como sujeito emerge com as obras de alguns pioneiros, como o irônico Luís Gama (1850-1882), filho de uma negra africana com um fidalgo baiano, sendo o primeiro escritor a falar em versos do amor por uma negra. A afirmação de ser negro estava bem presente nos versos de Gama, como demonstra os versos satíricos de “Quem sou eu?” ou “Bodarrada”, uma ironia à forma pejorativa que os brancos se referiam aos negros como bodes:

Eu bem sei que sou qual Grilo
De maçante e mau estilo;
E que os homens poderosos
Desta arenga receosos,
Hão de chamar-me tarelo,
Bode, negro, Mongibe.
Porém eu, que não me abalo,
Vou tangendo o meu badalo
Com repique impertinente,
Pondo a trote muita gente.
Se negro sou, se sou bode,
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda casta,
Pois que a espécie é muita vasta...
Há cinzentos, há rajados,
Baios, pampas e malhados,
Bodes negros, bodes brancos,
E, sejamos todos francos,
Uns plebeus e outros nobres,

Bodes ricos, bodes pobres,
 Bodes sábios importantes,
 E também alguns tratantes...
 Aqui, nesta boa terra,
 Marram todos, tudo berra.
 (GAMA, 1904, p.19)

O poema “Quem sou eu”, de Luiz Gama, tornou-se um divisor de águas na literatura brasileira, porque rompeu com a ideia do negro como objeto, como vítima. O autor desconstrói essa visão impregnada de que o negro é inferior ao branco e assume a sua identidade de negro, mostrando seu orgulho em pertencer a essa raça quando diz “Hão de chamar-me Tarelo, bode, negro, mongibe. Porém eu, que não me abalo...”. (GAMA, 1904, p.19). Diferente da postura de outros autores como, Aluísio Azevedo e Mário de Andrade, Luiz Gama escreve como é ser negro, sem vergonha, sem omissão e sem preconceito, mostrando que somos todos iguais independentes da raça e da condição social.

É consenso entre os estudiosos da questão, como Zilá Bernd, Domício Proença Filho, Florentina de Souza, Maria Nazareth Fonseca, Eduardo Assis Duarte entre outros, que o poeta Luís Gama “é um verdadeiro divisor de águas na literatura brasileira. (BERND, 1992, p. 17)

Segundo Domício Proença Filho (2004), o negro como sujeito vem para romper a visão estereotipada de branqueamento, citando em destaque a obra “Ganga Zumba” (1959-1961), de João Felício, no qual o autor escrevia não apenas como observava, mas como sentia, o negro passa a ser não mais a matéria mas sim o autor de sua própria história, recuperando sua autonomia. Essa obra trata-se de uma narrativa associada à história do negro, tendo como cenário o quilombo dos Palmares, e como personagens os próprios negros escravizados. Segundo Proença (2004) “o livro é de todos aqueles que, em algum tempo da vida lutaram por uma estrela qualquer”. Nesta obra, os relatos são alternados por um narrador onisciente, que por vezes cede a voz a personagens que foram ignorados socialmente.

Ao tratar de literatura afro-brasileira, considera-se negra, apenas uma literatura escrita por pessoas negras ou por seus descendentes, uma vez que essas escritas serão associadas à própria etnia, já que o negro ao falar dele mesmo, tem mais autonomia que um escritor branco porque ele fala como sente e como vive. Também pela questão de que o negro pode ser quem ele quiser, não terá que assumir um papel de subalternidade perante os senhores, pode ser

protagonista de sua história, pode tratar dela como bem entender. Como afirma Domício Proença Filho (2004, p.184):

Na medida em que a chamada, no meu entender equivocadamente, literatura negra vem sendo configurada no restrito espaço reivindicatório de escritores negros ou mestiços de negros como tal, não costumam ser nelas situadas obras feitas por escritores contemporâneos não vinculados à etnia, pelo menos em nível epidérmico.

Desse modo, podemos destacar que a escrita da literatura afro-brasileira também denuncia a invisibilidade do negro na história do Brasil, visto que até nos dias atuais em muitos livros de História, o descobrimento e a história do Brasil é narrado apenas com heróis brancos, como por exemplo, as instituições escolares apresentam a princesa Isabel como heroína dos negros, enfatizando que a “libertação” dos negros que só ocorreu graças a ela, Zumbi dos Palmares é muito pouco mencionado, mesmo sendo uma figura importante para nossa história, e Ganga Zumba é pouco conhecido. Sobre esta temática, Domício Proença Filho (2004, p.186) argumenta que:

O negro brasileiro não pode ser tratado como o outro, que tanto trabalhou pela grandeza da nação etc. e a quem se deve reconhecimento especial por isso, como não cabe agradecer aos brancos portugueses, mas também não deve tratar como outro em nome de sua auto-afirmação. Como os demais grupos étnicos, ele parte da comunidade que fez e faz o país. Se a luta em que se empenhasse tornou e continua necessária, isto se deve, como é sabido, ao fato de ter-se tornado alvo de tratamento social e historicamente discriminatório.

Partindo do pressuposto do negro como protagonista de sua própria história é possível encontrar diversos trabalhos artísticos feitos pelos afro-brasileiros desde o período colonial, contudo tais trabalhos receberam pouca visibilidade e reconhecimento, como por exemplo, o lundu que se tornou raiz da MPB e do samba e muitos não tem esse conhecimento. Se adentrarmos na etimologia da palavra samba podemos observar que a mesma tem origem na expressão africana semba, que não aparece somente no Brasil, e significa gesto coreográfico, umbigada, movimentos típicos das danças afro-brasileiras:

O termo arte afro-brasileira é utilizado para designar a arte, produzida no Brasil, que estabelece relações com aquela feita na África, como máscaras, carrancas, danças e outras formas de expressão inspiradas

na religiosidade e nos motivos afros. Emanuel Araújo, artista plástico e diretor do Museu Afro Brasil em São Paulo, relembra que os sombrios navios negreiros trouxeram um patrimônio intangível que se revelou através dos séculos: “Será esse imaginário vivo que habita em nós, como um universo imenso de paixões e de sonhos, um oceano – aquele mesmo que trouxe para as terras da América as caravelas portuguesas e, no bojo dos navios negreiros, um patrimônio intangível daqueles que negaram o esquecimento para aqui derramar e transbordar dessa cultura sensorial e concreta do trabalho do eito, das minas de ouro das pedras preciosas, das casas, das mães-de-leite, dos Bois-Bumbás e nos cortejos dos Reis de Congo, dos Maracatus, dos Afoxés, dos candomblés, dos Guerreiros de Alagoas, das músicas das igrejas barrocas? Toda essa ancestralidade da África se mescla, como num banquete antropofágico, supimpa e refinado, com nossa herança indígena, transformadora e definitiva”. (BUZZO *In*: SOUZA 2009,p.389)

Ainda em relação às primeiras representações do negro como sujeito, Lima (2014) ressalta que as *Trovas burlescas*, de Luís Gama (1859), surgem no mesmo ano em que Maria Firmina dos Reis, em São Luís do Maranhão (1859), escreve *Úrsula*, considerado o primeiro romance afro-brasileiro em língua portuguesa. Esse novo personagem, o negro como autor de sua própria história, passa a ter voz, a assumir papéis de destaque nas obras, se afirmando, reivindicando, se impondo, agora ele não é apenas assunto da obra, ele é agente. Visto que, pela primeira vez, o negro questiona sua identidade e provoca criticamente a sociedade que o emudece e o exclui, expõe e ressalta aspectos da sua cultura, religião e memória. É o que podemos constatar nesse poema de Carlos Assumpção (1982, p.30):

Eu não quero mais viver
 No porão da sociedade
 Não quero ser marginal
 Quero entrar em toda a parte
 Quero ser bem recebido
 Basta de humilhações
 Minha alma já está cansada
 Eu quero o sol que é de todos
 Ou alcanço tudo o que eu quero
 Ou gritarei a noite inteira
 Como gritam os vulcões

Sobre essa mudança Negro Objeto x Negro Sujeito, Proença (1997, p.59) relata que:

[...] o posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos

de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira.

Gama, através de seus poemas buscava afirmação das origens do negro e de sua cultura. Lima Barreto em *Clara dos Anjos* (1922) deu voz ao negro ao mostrar que a personagem teve consciência de sua exclusão na sociedade. Antes dessa tomada de consciência, ela não tinha voz de, mas depois da consciência, demonstrou não ser mais passiva como costumava ser anteriormente, como diversos personagens negros retratados em outras obras:

- Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir os desaforos da mãe do seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. (BARRETO, 1994, p.132)

O escritor Solano Trindade engajado na causa pela afirmação do negro foi um dos autores que mais buscou denunciar a situação social que o negro enfrentava. Em um dos seus poemas ele representou essa situação de exclusão que o negro era submetido:

Lincharam um homem
Entre os arranha-céus
(li num jornal)
Procurei o crime do homem
O crime do homem não estava no homem
estava na cor de sua epiderme (...)
(TRINDADE, 1961, p.37)

No poema “Navio Negreiro” do mesmo autor, vemos uma posição diferenciada ao falar do negro, antes apenas tratado como OBJETO, agora com traços positivos e tratado como SUJEITO:

Lá vem o navio negreiro
Trazendo carga humana...
Lá vem o navio negreiro
Cheio de melancolia
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de poesia...
Lá vem o navio negreiro
Com carga de resistência
Lá vem o navio negreiro
Cheinho de inteligência...
(TRINDADE, 1961, p. 44)

Na verdade, o que sintetiza a literatura negra e a particulariza é a conscientização de uma negritude que envolve o escritor e o conduz a defendê-la. Como alguns dos representantes da literatura negra contemporânea no Brasil, podemos citar: Cuti, Carlos Limeira, Eduardo Oliveira, Oswald de Camargo, Conceição Evaristo, Oliveira Silveira, Miriam Alves, Paulo Colina, Sueli Carneiro e outros escritores que começaram a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia. A literatura transformou-se numa das principais armas de luta contra as injustiças enfrentadas pelos negros e numa forma de difundir esse novo meio de pensar sobre a Negritude.

É de grande importância o papel desses escritores que tratam o negro com uma visão mais aproximada, pois essa posição acabou por influenciar no surgimento do movimento social, literário e ideológico intitulado *Cadernos Negros*, um espaço onde fosse possível o negro afirmar sua identidade e relatar os seus valores culturais, tal produção constitui-se de uma antologia de poemas e escritos negros, no qual vários autores engajam-se em mostrar uma literatura negra para um público de mesma cor.

Esses escritos buscam na sua quase totalidade o resgate da história desse povo, e ainda estimular à luta pela afirmação e reconhecimento social. Atualmente percebemos que é cada vez mais frequente a presença de uma literatura na qual o negro é sujeito da sua história, esse fato com certeza é fruto da luta e das obras destes escritores comprometidos com uma representação mais compromissada da negritude.

Assim, compreendemos a luta e o esforço desses escritores, tais como Luiz Gama, Solano Trindade, entres outros que se engajaram para que houvesse uma reformulação literária brasileira, na qual incluísse uma posição de igualdade ao negro, dando-lhe consciência de sua exclusão, mas não o deixando mais como sujeito inerte com voz ativa.

1.3 Sentidos dos termos negritude e Negritude.

A literatura foi usada pelos negros para reivindicar sua identidade não reconhecida e apresentar uma imagem mais próxima da realidade, derrubando estereótipos e reafirmando suas raízes, tradições e cultura, é no processo de reafirmação de identidade que a negritude

ganha espaço, significado e valor. Antes de adentrarmos nos sentidos trazidos pelos termos negritude e Negritude, faz-se necessário compreender a constituição da identidade dos negros, já que o princípio da identidade está diretamente ligado à questão da diferença e ao sentimento de pertencer a determinado local ou comunidade.

Para Stuart Hall, “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem do nosso sentimento de “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e acima de tudo nacionais” (HALL, 2006, p. 8). Para o estudioso, os fatores externos como a desigualdade social, a falta de oportunidades, a pobreza, são problemas surgidos pela opressão que lhe foi imposta, pois os negros e seus descendentes sofrem até hoje, mesmo tendo em seu histórico conquistas e ascensão nos direitos, a partir das lutas.

(...) a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença (HALL, 2003, p. 30).

O processo da diáspora africana provocou dispersão e desapropriação de terras, acarretando um sério conflito de identidade para os negros. Segundo Lima (2014) o conceito de diáspora surgiu a partir da história de expulsão do povo judeu, que sofreu com o preconceito e foram expulsos de seu território em 722 a.C. A história do povo negro se assemelha, pois assim como os judeus, os negros foram presos, escravizados e espalhados pelo mundo durante o período colonial.

A diáspora é um fenômeno que se caracteriza pela dispersão de povos, podendo as razões ser religiosas ou políticas. O termo foi usado pela primeira vez em relação ao povo judeu do mundo antigo e, segundo Paul Gilroy (2001, p. 387), durante as décadas de 1950 e 1960 ocorreu a apropriação do termo por “historiadores da África e da escravidão racial no novo mundo”. No caso africano, utilizam-se ainda as acepções diáspora negra ou negro africana, em referência ao período histórico do intenso tráfico negreiro no Oceano Atlântico, entre os séculos XVI a XIX, quando levas de homens e de mulheres eram comercializados em várias regiões africanas como mercadoria. (LIMA, 2014,p,15)

Assim, passado este período, a herança das culturas africanas começam a surgir, em especial no Brasil, quando a religião, estética, cultura e as diversas línguas africanas passam a

fazer parte do cotidiano colonial brasileiro, imaginário e principalmente da identidade. A partir daí começam a brotar o sentimento de pertença do negro brasileiro, a sua inclusão social na qualidade de sujeito, surgindo, a partir desse novo contexto a literatura afro-brasileira, que se utiliza das palavras para reivindicar seus direitos, dando voz a quem por muito tempo viveu silenciado. Desse processo de reafirmação de identidade, a negritude começou a ter o seu espaço.

O termo negritude possui vários significados, mas dois destes significados serão abordados aqui, sendo estes: “negritude” com ‘n’ minúsculo (substantivo comum) e “Negritude” com ‘N’ maiúsculo (substantivo próprio). A expressão “negritude” com “n” minúsculo refere-se ao momento em que os negros tomam consciência do domínio imposto pelo homem branco a eles, referindo-se a uma conscientização de que seu povo estava sendo subjogado, e essa conscientização resulta numa atitude de “rebelião” e de não aceitação de tal situação.

Esse momento se dá, logo quando os primeiros escravos se rebelam e tentam mudar essa situação através de conflitos e resistências. Quando os primeiros escravos africanos desembarcam em solo americano já acontece tal conscientização, que está também atrelada a uma reivindicação do direito de liberdade dos negros.

Um dos maiores exemplos de manifestação da “negritude” aconteceu na colônia francesa do Haiti, onde vários escravos liderados por Toussaint Louverture promoveram uma revolta que resultou na conquista da independência do país em 1804. Nessa revolução, que começou em 1791 e, durou cerca de 14 anos, Toussaint Louverture no comando de um imenso exército formado por escravos negros, lutou contra a dominação e exploração francesa, tornando-se a primeira república negra (BERND, 1988). Esse conflito é símbolo de luta e resistência dos negros contra a opressão dos dominadores, pois teve como um dos principais benefícios a conquista da liberdade dos negros haitianos.

Outro grande exemplo de “negritude” aconteceu em solo brasileiro através dos quilombos, estas “comunidades” formadas por escravos fugitivos eram referências de oposição e luta contra a dominação do homem branco. Tratava-se de um local de refúgio para os negros que se opunham ativamente contra a escravidão imposta pelos “senhores das terras”, e por isso fugiam. Nos quilombos vivia-se de acordo com a cultura originalmente

africana – seja em âmbito cultural, religioso ou social. Em alguns quilombos, inclusive, tentou-se até mesmo a nomeação de reis tribais. Dentre tais quilombos o de Palmares foi o que alcançou maior notoriedade, e seu “líder”, Zumbi, foi um dos maiores exemplos de revolta e luta contra a escravidão e jugo dos brancos. O crescimento desse quilombo foi tão grande que se estima que ele tenha chegado a abrigar aproximadamente 30 mil pessoas, ocupando uma área de 200 Km² (COELHO, 2015).

Essas manifestações são tidas como o início da tomada de consciência de uma situação de soberania, ao mesmo tempo em que é símbolo de luta contra tal dominação, pois tal comportamento revolucionário levou os escravos a fugirem de seus senhores em busca da liberdade, preferindo as matas e muitas vezes a própria morte à condição de submissão imposta no espaço da fazenda.

Já o termo “Negritude com ‘N’ maiúsculo” diz respeito a um momento em que se inicia um movimento de afirmação da identidade negra, de valorização e propagação da sua cultura, tradições e seus valores. “Refere-se a um momento pontual na trajetória de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo”. (BERND, 1988, p.20)

Esse movimento surge nos Estados Unidos, atinge as Antilhas e a Europa, mas é na França onde ganha mais força e notoriedade e passa a ser sistematizado. Então se expande pela África até chegar às Américas. Aquele que é considerado o “pai” desse movimento de tomada de consciência de ser negro – embora o termo “Negritude” só surgiu anos mais tarde – foi o escritor afro-americano William Edwards Du Bois (1868-1963). Du Bois é considerado o fundador do pan-africanismo, um movimento político e cultural que lutava pela liberdade dos países africanos colonizados e pela unidade entre os mesmos. É também o organizador dos cinco primeiros congressos pan-africanos que aconteceram respectivamente em: Paris (1919); Londres (1921); Londres-Lisboa (1923); Nova York (1927) e o de Manchester (1945). Zilá Bernd destaca a sua importância:

[...] Pode se considerar que o movimento de Du Bois foi o embrião para a conquista de espaços mais importantes de afirmação surgidos nos anos 20 no bairro nova-iorquino do Harlem (bairro negro), onde uma população estimada em 300 mil negros não tinha deixado morrer as formas artísticas herdadas de sua ancestralidade africana. (BERND, 1988, p.22-23)

Seu discurso era marcado pelo orgulho racial, pregava que o negro deveria assumir sua condição, se afirmar negro e não se sujeitar aos olhares opressores do homem branco que viam os negros como inferiores, ou seja, o que o mais influente líder político negro dos Estados Unidos defendia era que o homem negro deveria sentir orgulho e não vergonha de sua cor, raça, cultura e história. Utilizava-se da metáfora do véu, no qual para ele o mundo se dividia em dois: um branco e um negro, sendo que o véu era o divisor entre eles. Tal ideia fica bem clara nesse trecho da sua consagradíssima obra *As almas da gente negra*:

Precisamos de todos (...) juntos (...) todos emprenhando-se em prol desse ideal mais amplo (...) o ideal de fraternidade humana, adquirida por meio do ideal unificador da Raça; o ideal de criar e desenvolver os traços e os talentos do Negro, não em oposição ou em desprezo a outras raças, mas em ampla conformidade com os ideais maiores da República americana, a fim de que um dia, no solo americano, duas raças mundiais possam outorgar-se reciprocamente aquelas características de que ambas tão tristemente carecem. (DU BOIS, 1999, p. 61)

Já em meados de 1920, surge no bairro do Harlem, em Nova Iorque, um movimento literário e artístico que recebe o nome de *Negro Renaissance*, ou renascimento negro. Embora tenha sido um movimento de cunho literário, também ocorreram manifestações na música, no teatro, nas artes em geral e na política afro-americana. Congregavam-se naqueles anos poetas, romancistas, artistas, intelectuais de diversos setores e, muito especialmente, os primeiros notórios expoentes do jazz.

Os escritores Aimé Césaire, Léon Damas e Leopoldo Sédar Senghor posicionaram-se contra o que Césaire denominou de “atmosfera de assimilação onde o negro tinha vergonha de si próprio”. (BERND, 1987, p. 28). O movimento da Negritude lançou mão de diversas expressões culturais para afirmar o orgulho de ser negro, ao mesmo tempo em que denunciava a discriminação e o preconceito impostos pelo homem branco. Sua proposta consistia em: “Exorcizar os estereótipos e preconceitos disseminados contra o negro no imaginário social. Ao contrário de lamentarem-se pela sua condição racial, os ativistas do movimento enalteciam a cor do povo negro em suas obras”. (DOMINGUES, 2005, p. 27). Tal movimento pretendia reviver e valorizar as memórias, culturas e costumes dos negros; redefinir a importância e o papel do negro em solo norte-americano e dar expressão artística às vivências afro-americanas.

Entre os articuladores do movimento estão os escritores norte-americanos Langston Hughes, Claude McKay e Richard Wright. No poema “Eu também canto a América” de Langston Hughes (1902-1967) fica clara a postura de luta, resistência, afirmação e orgulho de ser negro que prevalece nesse movimento:

Eu também canto a América
 Eu sou o irmão negro
 Eles me mandam comer na cozinha
 Quando chegam as visitas
 Mas eu rio
 E como bem
 E cresço forte
 Amanhã
 Eu estarei na mesa
 Quando as visitas vierem
 Ninguém ousará dizer-me
 ‘Vá comer na cozinha’
 Então.
 Além disso
 Eles verão como sou bonito
 E terão vergonha.
 Eu também sou América.
 (Hughes in: Zilá Bernd 1987, p. 20).

Já no poema *Se devemos morrer* do escritor jamaicano Claude McKay (1889-1948) percebemos um convite a uma reação em relação à opressão sofrida pelos negros, é uma escrita de “contra-ataque” onde fica claro o chamado do autor à luta e à resistência:

“Se devemos morrer”
 Se devemos morrer, não sejamos cordeiros
 Caçados e acuados em postura inglória
 Enquanto nos rodeiam os latidos grosseiros
 Dos que riem de nossa malfadada história.

Se devemos morrer, ó! Seja nobre a morte,
 Nosso altivo sangue não seja derramado
 Em vão: que os monstros que dominam nossa sorte
 Sejam impelidos a nos dar um fim honrado!

Ó irmãos! Busquemos o inimigo comum!
 Ainda que poucos, demonstremos coragem,
 E aos mil mortos dos nossos, devolvamos um!

Que importa se adiante está a funesta miragem?
 Como homens, enfrentemos o fatal embate,
 Acuados, morrendo, mas sempre em combate!
 (MCKAY, In: Robertson Frizerio 1979, p.15.).

É possível citar ainda como movimentos importantes da Negritude o *Negrismo Cubano*, cujo principal expoente foi o poeta negro Nicolás Guillén; e o *Indigenismo* no Haiti, onde o grande nome foi o líder Jean Price-Mars. Sobre Price-Mars, Elisa Nascimento escreve: "precursor e mestre da liderança negra independentista da luta nacional africana contribuiu muito para a formação do importante movimento da negritude" (NASCIMENTO, 1981, p.102). Ambos os movimentos expressam literariamente o mundo negro, mesmo que em meio a um contexto europeu.

Entretanto, é, em 1939, que o termo Negritude vai surgir pela primeira vez, isso acontece no célebre poema de Aimé Césaire "*Cahier d'un retour au pays natal*" ou "*Caderno de um regresso ao país natal*" (BERND, 1988). Césaire, negro oriundo de Martinica, juntamente com Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal) dirigiram a revista *L'étudiant Noir* (*o Estudante Negro*) que foi lançada em 1934 por estudantes negros que estudavam em Paris. A revista recebeu tal nome por afirmarem que não eram mais estudantes provenientes de diferentes lugares, mas sim, todos eles seriam agora "um estudante negro". Tal revista foi de grande importância para o movimento da Negritude, pois conseguiu transmitir uma imagem positiva dos africanos ao realizar reuniões, assembleias, exposições e publicando artigos e poemas em outras revistas. Tais publicações eram marcadas pela denúncia contundente da dominação cultural ocidental e da opressão do capitalismo colonialista:

"Caderno de um regresso ao país natal"
 Minha Negritude não é nem torre nem catedral
 Ela mergulha na carne rubra do solo
 Ela mergulha na ardente carne do céu
 Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência".
 (CÉSAIRE, In: Zilá Bernd. 1987, p. 36).

A expressão Negritude, que no francês é *négritude*, deriva de *nègre*, palavra que no início do século XX tinha um teor pejorativo, e era usado para desqualificar e ofender os negros. Os integrantes do movimento passam então a dar uma conotação diferente ao termo, invertendo o sentido da palavra Negritude, que passou a ter um sentido positivo. Sobre a importância que teve o neologismo *Négritude* para o desenvolvimento da identidade desse movimento, Senghor testifica:

(...) “nosso objetivo último era o de trabalhar pelo renascimento da *civilização negro-africana*, mais precisamente a sua restauração, e para viver estes seus valores fundamentais, nós havíamos resolvido restabelecer, ao mesmo tempo, à palavra “Negro” sua verdade, e, por conseguinte, sua dignidade. E, quando nos foi necessário inventar uma palavra para conceitualizar nossa visão e nosso desejo, é, naturalmente e da forma mais ortodoxa que Aimé Césaire inventou a palavra *Négritude*.” (SENGHOR, 1977, p. 467).

Se antes ser chamado de “negro” era motivo de vergonha e humilhação, a partir desse movimento, torna-se símbolo de afirmação e orgulho racial. E era esse um dos principais objetivos do movimento, fazer com que as pessoas negras tivessem orgulho de sua cor, raça, identidade, cultura e história, e afirmassem esse orgulho através da literatura, da música, das roupas, linguagem, cabelo entre outros. “*Sou negro e me glorifico deste nome; sou orgulhoso do sangue negro que corre em minhas veias...*” (DU BOIS, p. 140).

No Brasil, a Negritude com “N” maiúsculo vai surgir com o poeta, abolicionista e advogado Luís Gama (1850-1882) e o seu poema satírico “Bodarrada”. “Sua postura ideológica e produção poética, materializada na coletânea *Primeiras Trovas Burlescas* (cuja primeira edição é de 1859) inauguraria o discurso de afirmação racial no país.” (DOMINGUES, 2005, p. 37). No entanto, é na década de 1930 que desponta a ideia do movimento da Negritude através de grupos como a Frente Negra Brasileira. Nesse período, também ocorre o surgimento de uma Imprensa Negra brasileira, onde jornais como *Menelik* (1915-1935), *O Clarim da Alvorada* (1924-1937), *Voz da raça* (1924-1937) entre outros, evidenciavam os eventos culturais negros, publicavam textos literários e discursos voltados aos negros, e denunciavam e condenavam o racismo.

É no ano de 1944 que vai surgir o TEN (Teatro Experimental do negro), acontecimento de extrema importância para a difusão e valorização da cultura negra. O TEN, fundado por Abdias do Nascimento – ícone de militância das causas negras no Brasil, e que mais tarde fundaria o jornal Quilombo (1948) e o Museu de Arte Negra (1968) – foi um teatro no qual o negro ganhou visibilidade artística, eram espetáculos protagonizados por pessoas negras, os temas versavam sobre os negros e o público também era negro.

Para o TEN, mais do que um sistema de ideias, negritude era uma filosofia de vida, uma bandeira de luta de forte conteúdo emocional e mítico, capaz de mobilizar o negro brasileiro no combate ao racismo, redimi-lo do seu

complexo de inferioridade e, por conseguinte, fornecer as bases teóricas e políticas da plena emancipação. (DOMINGUES, 2005, p. 37)

Em 1945 é fundada a Associação de Negros Brasileiros, e outras publicações importantes como *Mundo Novo*, *Novo Horizonte* e *Alvorada* dão vozes aos negros brasileiros. Em 1950, o poeta Solano Trindade funda o Teatro Popular do Negro, e em 1978 surge o Movimento Negro Unificado (MNU). Poetas como Lino Guedes (1897-1951) e Solano Trindade (1908-1973) ajudaram a intensificar ainda mais a ideologia do movimento com os seus poemas.

Outro grupo que também se destaca na luta e afirmação da Negritude é o *Quilombhoje*, fundado em 1980, tal grupo é responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*, antologia de poemas e contos de autores negros iniciada em 1978, com *Cadernos negros 01*, chegando ao número 34 em 2011. Essa literatura, denominada de afrodescendente, é aquela na qual emerge uma consciência negra. Os poetas assumem a identidade negra, buscando recuperar as raízes da cultura afro-brasileira, protestando contra o racismo e o preconceito e rememorando os sofrimentos vividos pela escravidão.

Assim como em outros países, o movimento da Negritude no Brasil serviu para desmascarar e confrontar a supremacia branca, e conscientizar os negros a lutarem pela autoafirmação, valorização e divulgação da sua cultura, saberes e memórias. Sobre essa conscientização o professor Petrônio Domingues destaca:

[...] o conceito de Negritude popularizou-se no país com o tempo, ampliando seu raio de inserção social e adquirindo novos significados. A partir do final da década de 1970, Negritude tornou-se sinônimo do processo mais amplo de tomada de consciência racial do negro brasileiro. No terreno cultural, a Negritude se expressava pela valorização dos símbolos culturais de origem negra, destacando-se o samba, a capoeira, os grupos de afoxé. No plano religioso, Negritude significava assumir as religiões de matriz africana, sobretudo o candomblé. Na esfera política, Negritude se definia pelo engajamento na luta anti-racista, organizada pelas centenas de entidades do movimento negro. (DOMINGUES, 2005, p. 39).

Na medida em que indivíduos negros não se viam representados na literatura brasileira, passaram a considerar a importância de escrever suas próprias produções literárias para trazerem à tona suas verdadeiras identidades, suas essências, suas origens, suas idiossincrasias, para resgatar a negritude esmagada e silenciada na escrita dos autores brancos

da literatura brasileira. A esse respeito, Zilá Bernd (1987, p.21) afirma que “os grupos negros brasileiros estão justamente empenhados em resgatar uma história negra, em recontá-la a partir de outra ótica que não a do dominador, que nunca descuidou de opacificar a participação do negro na história desse país”. Nesse sentido, para fazer notório esse novo discurso, essa nova história do povo negro, necessário seria o reconhecimento da negritude que o envolve, negritude aqui entendida como o reconhecimento e conscientização de uma situação de dominação e discriminação, a busca incessante de exaltação da identidade negra.

2 A REPRESENTAÇÃO DA NEGRITUDE EM *PONCIÁ VICÊNCIO* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

O tema proposto neste trabalho foi uma análise dos aspectos que definem a obra *Ponciá Vicêncio*, da escritora Conceição Evaristo, numa representação mais compromissada com a identidade negra, pois, através da história da personagem principal podemos perceber o quanto ela sofreu durante toda sua vida, e que nada disso foi motivo para que ela negasse a herança deixada por seus antepassados. Tal análise busca estabelecer um diálogo com o romance e o tema da negritude.

A obra que constitui o nosso objeto de análise foi escrita em 2003, considerada como inovadora, o livro trata da história da protagonista Ponciá Vicêncio, que intitula o romance, nele a autora traça a identidade negra, a partir das memórias da trajetória da personagem, narrando momentos que vão desde sua infância à fase adulta, enfatizando no relacionamento com a família e amigos.

Neste romance, Evaristo apresenta toda a complexidade dos personagens, tratando também de causas sociais, a partir da emoção dos personagens para explicar o comportamento destes dentro da narrativa e buscando convencer seus leitores a romper comportamentos pejorativos em relação aos negros.

Deste modo, os variados discursos nos mostram que na literatura as representações são dadas de forma que interesses e ideologias sociais se misturam, por isso convém colocarmos em questão a negritude em *Ponciá Vicêncio*, sendo que as caracterizações de determinados grupos sociais nos contextos literários em muito tem se distanciado da verdadeira essência, e o que se apresenta são atributos que deformam e contradizem a verdadeira personalidade do grupo.

2.1 Conceição Evaristo: uma “voz mulher” no romance afro-brasileiro

Maria da Conceição Evaristo de Brito, ficou conhecida no mundo das letras como Conceição Evaristo, nasceu em 1946, em uma favela da zona sul de Belo Horizonte, de família humilde, mãe lavadeira com nove filhos para criar, sendo ela a segunda filha de Joana

Josefina Evaristo Vitorino. Com muita luta concluiu o antigo curso normal aos 25 anos e trabalhou de doméstica por algum tempo, sonhando em ser professora, porém naquele tempo não existia concurso para tal, era preciso ter apadrinhamento e as famílias tradicionais para quem ela trabalhava sempre a desencorajavam.

Ser negra era motivo de orgulho para Evaristo, mesmo sabendo que o negro era menosprezado e discriminado na sociedade ela se via e se queria negra, tinha consciência de sua cor, de sua negritude e a defendia. Em 1973, várias questões a fizeram migrar para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público de magistério e consegue uma vaga na Universidade Federal.

Naquela cidade, consolidou a carreira de professora, trabalhando na rede pública de ensino e, mais tarde, na rede privada de ensino superior. Evaristo é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e concluiu seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Em 1980 entrou para o grupo *Quilombhoje Literatura*. Segundo Conceição Evaristo, esse era um momento de ascensão dos movimentos pela igualdade racial tendo manifestações nas principais capitais brasileiras. E em 1990, o número 13 de *Cadernos Negros* traz impressos seus primeiros poemas.

Os Cadernos Negros têm sido o principal veículo de divulgação de contos e poemas produzidos por autores e autoras afrodescendentes no Brasil até 2011. São produções ficcionais nas quais os sujeitos da escrita se enunciam como negras(os), constituindo-se como uma nova geração de escritores(as) que se forma a partir de 1970, composta por militantes do Movimento Negro Unificado (MNU), intelectuais, afrofeministas, professores(as), artistas e pesquisadoras(es). (SALES, 2011, p.9)

Outros gêneros também compõem sua obra: ensaios – dentre vários, destacamos *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face* (2005); *Dos risos, dos silêncios e das falas* (2006); e *Conversas de lavadeiras* (2006) – crônicas, artigos e palestras. *Ponciá Vicêncio* (2003) foi apontado como primeiro romance publicado pela autora, seguido de *Becos da memória* (2006) e por último *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011).

O fato de ser mulher era motivo para ser afastada de algumas tarefas sociais, ao sexo feminino era reservado pouco espaço, restringindo-se muitas vezes às tarefas domésticas. Se a mulher fosse negra, como é o caso de Evaristo, a exclusão aumentava, visto que o preconceito impregnado na sociedade a privava ainda mais de realizar determinadas atividades e afastava-

a das decisões nos domínios sociais. Se retornarmos a história percebemos que as mulheres negras foram e por vezes ainda são alvos de duríssimas críticas sendo vítimas do preconceito, do silenciamento social e intelectual e da violência, como afirma Heloisa Toller Gomes (2014, p. 9):

A escrita afrodescendente de mulheres advém de culturas estilhaçadas pela diáspora, pelo colonialismo e pela discriminação sócio-econômica nas sociedades coloniais e pós-coloniais. Mostra-se, assim, cortada e recortada na violência das fragmentações e rupturas. Convivendo com a realidade do racismo e do preconceito, ela tem sido sujeita à marginalização, ao desconhecimento e à desvalorização intelectual, por vezes dentro da própria comunidade negra. Não obstante, carrega em si a positividade de um projeto cultural.

É importante ressaltar que as mulheres negras têm garantido seu lugar dentro da literatura, denunciando suas dificuldades e lutas, reafirmando sua condição e assumindo sua identidade perante a sociedade e a partir daí buscando superar aos poucos as barreiras impostas pelo mundo machista e branco.

Conceição Evaristo, inserida neste universo marcado pela violação dos direitos mais básicos descreve a mulher negra a partir do contexto de segregação racial e social mostrando os silenciamentos encontrados por diversas vezes através de estereótipos atribuídos à mesma, sendo caracterizada dentro da literatura como pobre, empregada doméstica, analfabeta, favelada entre tantos outros termos pejorativos. Assim, buscando um maior reconhecimento, elencamos aqui o poema de Conceição Evaristo (1990) que está nos *Cadernos Negros* 13, que retrata essa busca da mulher negra:

Eu-mulher
 Uma gota de leite
 me escorre entre os seios.
 Uma mancha de sangue
 me enfeita entre as pernas.
 Meia palavra mordida
 me foge da boca.
 Vagos desejos insinuam esperanças.

Eu-mulher em rios vermelhos
 inauguro a vida.
 Em baixa voz
 Violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo.

Antecipo.
 Antes-vivo.
 Antes- agora – o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo.
 (EVARISTO,1990 in CN 13, p. 30)

No poema acima, Evaristo (1990) mostra a mulher negra como essa que inaugura a vida e agora está disposta a enfrentar o que virá, avançando aos poucos, conquistando seu lugar no mundo, protestando e buscando uma ascensão com relação ao seu papel diante da história e da vida. Descobrimo sua força interior, ela agora sabe que pode conquistar o mundo, mesmo que seu passado tenha sido marcado pela submissão. Conceição Evaristo (1990) denuncia o silenciamento dentro da história, sofrido principalmente pela figura feminina negra, a partir de uma volta aos seus antepassados, relembra o processo histórico e começa a descrever a partir de metáforas a condição histórica dos afrodescendentes numa trajetória dentro do espaço e do tempo, que foi marcado pela denúncia de várias questões tais como as de gênero, etnia e de classe, ilustrando o deslocamento de um povo de sua cultura, sua língua, sua identidade.

Dessa forma, o poema *Vozes Mulheres*, da mesma autora, que aponta em seu conteúdo, toda essa problemática da vida da mulher afrodescendente.

VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó
 Ecoou criança
 nos porões do navio.
 Ecoou lamentos
 De uma infância perdida.
 A voz de minha avó
 ecoou obediência
 aos brancos-donos de tudo.
 A voz de minha mãe
 ecoou baixinho revolta
 No fundo das cozinhas alheias
 debaixo das trouxas
 roupagens sujas dos brancos
 pelo caminho empoeirado

rumo à favela.
 A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e fome.
 A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade.
 (EVARISTO,1990 in CN, 13 ,p. 32-33).)

Quando analisamos o título do poema, percebemos que o sentido vai ser elencado ao longo do texto quando retrata essas vozes-mulheres e seu espaço conquistado a cada geração. Nos versos iniciais podemos observar que existe uma afirmação identitária mostrada pelo eu-lírico, nos versos seguintes percebemos as acusações trazidas pelas vozes que foram silenciadas nos porões dos navios negreiros, os lamentos e sofrimentos vão dando lugar as vozes que ganham uma nova roupagem a partir do fragmento: “[...] A voz de minha mãe\ ecoou baixinho revolta [...]”, ou seja, a mulher oprimida, ignorada, começa, mesmo baixinho, a demonstrar sua não aceitação. Neste verso: “[...] A voz de minha filha\ recolhe todas as nossas vozes\ recolhe em si\ as vozes mudas caladas\ engasgadas nas gargantas.[...]” já observamos que a filha se impõe, trazendo as vozes dos seus antepassados, não aceitando ficar calada, ela consegue à partir da sua voz, repercutir a liberdade da mulher afrodescendente.

Nas obras de Conceição Evaristo é possível perceber a recorrência de temas relacionados ao sofrimento, lutas e desejos das mulheres afro-brasileiras, que vivem de forma marginalizada, excluídas da sociedade. A autora no romance de *Ponciá Vicêncio* (2003) traz como um dos temas o êxodo rural, marcado pela personagem principal, que sai do espaço rural, para buscar uma melhoria de vida no espaço urbano:

A escrita de Evaristo passa pelo crivo da auto-representação questionando o social, o político, o econômico e os papéis que foram e são exercidas na sociedade pelas mulheres negras brasileiras. Esse mecanismo funciona como

uma estratégia para que as dores e a condição dos negros e especificamente das mulheres negras possam ser supridas passando a ganhar espaço na sociedade brasileira. Desse modo, Evaristo busca ao mesmo tempo uma tática para problematizar as questões de gêneros, nessa trajetória autora articula pontos relacionados ao processo de formação de identidades. É uma forma de compreender a complexidade social das mulheres negras brasileiras. (VIEIRA,2012, p.170)

Segundo Evaristo (2011) satirizando os costumes e a colonização portuguesa, o “Boca do Inferno”, como era chamado, exalta a sedução erótica da mulata, menosprezando-a, ao mesmo tempo, tratando a mulher negra como um objeto de prazer, utilizando termos pejorativos e apelativos, por vezes até afirmando que a negra tem sangue quente e cheira a prazer. Desta forma, Gregório de Matos (1930) poeta brasileiro, que usa sua poesia satírica dentro da literatura brasileira, para abordar a sensualidade, o erótico, a sexualidade, na maioria das vezes colocando a figura feminina negra como um objeto sexual, trazendo sempre paradigmas que logo nos remetem às “mulatas”.

Diversas obras da literatura brasileira, normalmente, as personagens negras surgem estereotipadas em concordância com a maneira como o negro é percebido pela sociedade. Não há uma ausência do negro e da cultura negra nos textos literários brasileiros. O que existe é uma representação deprimente sobre nós negros. Nesse sentido, é preciso pensar que a cultura dominante tem o poder de se representar e de representar as outras culturas circundantes. (EVARISTO,2011, p.15)

Conceição Evaristo (2011) afirma que dentro da literatura ainda podemos visualizar discursos que retomam o passado escravo vivido pelos negros, e quando se referem à mulher afrodescendente visualizam apenas o corpo, que possui apenas a função de procriar e satisfazer, principalmente os senhores donos dos escravos. A mulher negra era vista como forte para os trabalhos domésticos, mas, nunca como uma heroína romântica. Quando se tornava mãe era levada logo para a casa dos senhores por que ali ela poderia amamentar e cuidar dos filhos deles. Assim, quando lemos alguns textos literários observamos:

[...] mulheres infecundas e, portanto, perigosas, como Bertoleza, sempre animalizada no interior da narrativa e que morre focinhando, ou como Rita Baiana, marcada por uma sexualidade perigosa, que macula a família portuguesa, ambas personagens da obra *O cortiço* (1980), de Aloísio de Azevedo. Há ainda a mulher-natureza, incapaz de entender determinadas normas sociais, cujo exemplo é a personagem central do romance *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado, com a sua postura de uma ingênua conduta sexual. O que se busca argumentar, aqui, é o que essa falta de representação

materna para a mulher negra, na literatura brasileira, pode significar. (EVARISTO,2011, p.15)

No prefácio feito por Maria José Somerlate Barbosa do livro *Ponciá Vicêncio* publicado em 2006 o seu discurso chama a atenção, ela diz que:

O romance explora a fundo as sucessivas perdas de Ponciá (a morte do avô, do pai, dos sete filhos, a separação da mãe e do irmão), penetrando no “apartar-se de si mesma”. Analisa tal fato como uma consequência de grandes abalos emocionais, de profundas ausências, vazios, mas também como resultado de fatores sociais (extrema pobreza, desamparo e injustiças sociais) que levam a situações extremamente estressantes (p.7).

Por fim percebe-se que em *Ponciá Vicêncio* (2003) a escritora provoca, a partir da protagonista, sentimentos diversos, tais co orgulho por ser negra, aversão do seu nome e ainda podemos observar nela uma mistura de amor, ódio, dedicação, pavor, resistência, sonho, amor e dedicação pela família; pavor pelo ambiente onde viveu e ao mesmo tempo vontade de lutar e conquistar uma condição de vida mais digna, o sonho maior que ela acalentava. Mas, acima de tudo, essas condições existenciais marcavam a imagem da exclusão.

2.2 História, memória e ficção em *Ponciá Vicêncio*

Compreendido como um romance afro-brasileiro, *Ponciá Vicêncio* desenvolve de maneira clara e objetiva toda essa trajetória de formação, construção da identidade do povo negro. A temática do livro traz uma nova leitura dessa história dos negros, relatando que desde a infância até a fase adulta, a protagonista busca reencontrar sua identidade a partir dos laços familiares e da memória. *Ponciá Vicêncio* (2003) apresenta uma narrativa não linear, tendo cortes temporais que se confirmam a partir da ida e vinda do passado ao presente e o espaço descrito no livro vai da zona rural a cidade grande, dando maior enfoque a casa onde a personagem viveu.

A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado (SANTOS, 1999, p. 264).

É esta ligação entre as histórias vividas no passado e no futuro que conduz o romance criando a memória dos antepassados de Ponciá. Evaristo, que mostra no decorrer da história denúncias sociais e raciais como: pobreza, injustiça, desamparo e a marginalização dos negros, sua condição pós-escravidão, o êxodo rural que leva Ponciá a sair do campo para a zona urbana, como vemos no fragmento a seguir.

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino. (EVARISTO, 2003, p. 36).

Conceição Evaristo (2003), traz uma nova leitura da história afrodescendente trazendo problemas do cotidiano da mulher negra. Esse vai e vem da obra, resulta da visão sobre a história, que é lembrada no presente, pois é quando a protagonista reconstrói seu processo de formação identitária a partir da memória negra herdada pelos seus antepassados. A família de Ponciá eram todos escravos e moravam na fazenda de seus donos, sendo que o pai já possuía o benefício da Lei do Ventre Livre.

Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. (EVARISTO, 2003, p. 126)

Ponciá Vicêncio quando menina ajudava sua mãe na confecção de vasos de barro, enquanto seu pai e seu irmão trabalham na lavoura. Seu pai carrega consigo a história de ser filho de ex-escravos, ele era como um brinquedo para o sinhô-moço, filho do dono da fazenda, que muitas vezes usava-o como cavalo em suas brincadeiras.

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos se regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos

escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (EVARISTO, 2003, p.49)

O pai de Ponciá, desde criança, já revelava sua revolta pela condição que o negro enfrentava, considerando que eles já eram livres, como podemos observar no fragmento abaixo:

[...] Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? [...] O homem não encarou o menino. Olhou o tempo como se buscasse no passado, no presente e no futuro uma resposta precisa, mas que estava a lhe fugir sempre. (EVARISTO, 2003, p. 14-15)

A obra divide-se em 46 capítulos, a narrativa é em terceira pessoa e o núcleo gira em torno da personagem principal, sempre dialogando o real com o imaginário. “[...] quando dava por si, nem ela mesmo sabia explicar. Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando pela janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro de seu recordar.” (EVARISTO, 2003, p. 55) *Ponciá Vicêncio* (2003) traz em seu interior o quanto a relação com o outro auxilia na construção da protagonista. Essa relação revela-se entre os componentes da família e as pessoas que estão ao seu redor. Estas afinidades colocam sempre em questão o preconceito sofrido pela personagem e a sua constante luta travada contra a discriminação, exclusão e o “medo de recuar, do desespero por não querer ficar ali repetindo a história dos seus.” (EVARISTO, 2003, p. 38).

Para exaltar a negritude, Ponciá traz comparação entre o preto e o branco mostrando que independente de cor todos são iguais e estão sujeitos as mesmas privações e alegrias que a vida pode proporcionar

Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam na terra dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar que os homens, lá na África, entoavam sempre quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. (EVARISTO, 2003, p. 87)

Também acentua que o branco em sua pretensão se acha superior ao negro ignorando que a natureza não seleciona ou destaca ninguém em decorrência de cor

[...] Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhômoço se certificou de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber. (EVARISTO, 2003, p. 18)

Para mostrar que o branco se sentia superior ao negro, Conceição Evaristo utilizou um discurso simples, trazendo a imagem do negro com traços impostos pelos europeus. O preconceito não tem uma base lógica e precisa ser eliminado, que tanto branco como negros são simplesmente seres humanos e, portanto, sujeitos aos mesmos processos. Porém, como ela percebia que o discurso da superioridade branca estava presente na sociedade, a autora mostra que Ponciá era diferente das demais moças, pois costumava questionar sobre sua realidade.

Neste livro, os personagens rompem com os modelos tradicionais de bons ou maus, eles aparecem de forma poética, mostrando a sua luta. A história gira em torno de Ponciá do início ao fim da obra.

Ponciá Vicêncio consolida a voz das escritoras afro-brasileiras na tradição literária do país, materializando também uma narrativa marcada por um sujeito étnico e feminino que retorna a história, através da memória e testemunho, e se torna perene na ficção brasileira. (ARAÚJO 2007, p.42)

Nesse sentido, Araújo vem afirmar que tanto o romance quanto a personagem feminina Ponciá, representam um ponto de ligação entre história e ficção, marcada pela escravidão e preconceito que estão postos na memória dos negros e da sociedade. A protagonista não aceita o fato de sua família trabalhar do mesmo jeito de quando eram escravos. Na busca por uma melhoria de vida Luandi, irmã de Ponciá, também sai do campo para cidade. Como vimos anteriormente, a literatura negra tem como base uma escrita cujo objetivo é resgatar a memória buscando retratar a vida e os sentimentos do negro perante o mundo.

Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para trabalhar. Na roça trabalhava sempre. [...] Sabia fazer de tudo. Na cidade estava aprendendo a fazer de tudo também. Chegou ali sem eira nem beira. Tinha perdido pelo caminho o endereço da irmã.

Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também. (EVARISTO, 2003, p. 68-69).

A obra *Ponciá Vicêncio* trata-se de uma ficção, pois apresenta para os seus leitores uma história imaginada, que traz em seu desenrolar experiências de conflitos de uma menina negra, bastante parecida com o avô, que é vista por sua mãe como uma estranha, não tendo uma relação direta com a vida de Conceição Evaristo. A personagem leva aos leitores a sinestesia, pois descreve cheiros, sabores, paisagens e sua percepção de menina que escuta tudo e todos, vê e passa a emoção de ver o arco-íris, descreve muito o cheiro do café fresco e das broas de fubá:

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio. (EVARISTO, 2003, p. 128)

Possuidora da memória de seus antepassados a protagonista enfrentava uma batalha com seus pensamentos e passa a viver de suas lembranças: “Quanto tempo ficara alheia? Não sabia ao certo.” (EVARISTO, 2003, p. 50), parada no tempo relembando aquilo que por vezes passava despercebido por muitos.

Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino. (EVARISTO, 2003, p. 126)

O fato da personagem viver relembando seu passado é posto pela autora do livro no intuito de mostrar a busca que a protagonista faz de sua história, de sua trajetória. Diante disso, entendemos que a escrita de Conceição Evaristo apresenta uma tentativa de, através do resgate da memória, expor os sentimentos do povo negro:

Ponciá Vicêncio, sentada no cantinho perto da janela, em seu matutar, acabou esquecendo o grande propósito com o qual se levantara naquela manhã. Tinha decidido firmemente a deixar o pensar de lado e ir à luta, dar um jeito na vida. Mas nem se deu conta nem percebeu o momento exato que se assentou ali, antes mesmo do primeiro gole de café, e começou a buscar na memória as coisas, os fatos idos. (EVARISTO, 2003, p. 61)

Conseqüentemente, ela possibilita uma ruptura dos contratos que regem a fala e escrita mencionados pelos escritores brancos, e uma autoafirmação de novas formas de expressões no âmbito literário. Logo, *Ponciá Vicêncio* (2003), tenta, na medida do possível, mostrar questões que ligam a memória do povo negro, na busca de preencher lacunas deixadas pela literatura “branca” sobre as questões relacionadas também à identidade.

2.3 Ponciá Vicêncio: afirmação identitária da cultura negra

Muito têm se discutido sobre as políticas de identidade. Essas discussões também sobressaem os estudos do nacionalismo e o papel da cultura e da comunicação como instrumentos na formação das identidades nacionais, neste caso a afirmação da identidade negra. Assim, utilizamos os elementos de formação da identidade nacional para compreender a afirmação identitária da cultura negra, muitas vezes apresentada por Ponciá Vicêncio. Para tanto, observamos que as pessoas estão sempre exercendo e ou sofrendo a ação deste poder em sua cultura e na formação de sua identidade. Quando observamos sobre a definição de identidade, Borges (1997) afirma:

Do latim *identitas*, *identitate*, identidade se traduz inicialmente pela percepção do mesmo, do igual, daquilo que imprime caráter do que é idêntico. Por outro lado, traduz a busca do que é mais peculiar ao indivíduo, do que lhe confere o caráter de específico, que o distingue de outros indivíduos e lhe assegura que ele é ele mesmo. Identidade se traduz ainda por conformidade, ajustamento, comunhão, sugerindo um processo de identificação que permita a um indivíduo confundir-se com outra pessoa, de quem assume as características (BORGES, 1997: p. 22).

No Brasil, a partir do século XIX, emerge a questão da identidade nacional. No livro *Cultura brasileira e identidade nacional*, Renato Ortiz esboça análises importantes sobre o conceito do nacional no Brasil. Em seu texto *Estado, cultura popular e identidade nacional*, Ortiz afirma que é importante salientar a relação existente entre o popular e o nacional, que tornam a cultura popular ligada diretamente à identidade nacional. Essa relação entre nacional e popular manifestou-se em diferentes épocas e os conceitos de nação e povo se apresentam como insatisfatórios. O brasileiro era associado não a um povo único, mas a uma mistura de raças distintas, a branca, a negra e a índia.

Ortiz (1994) ressalta que a relação entre o nacional e o popular se apresenta sob diversos aspectos teóricos e é por meio de instrumentos de representações que o Estado se

apossa de práticas populares para torná-las expressões culturais nacionais. No livro de Conceição Evaristo (2003) percebemos as marcas da questão identitária vividas pela personagem principal quando ela é ainda uma criança e vai para a beira do rio e fica entoando seu nome várias vezes, na busca pela aceitação. É como se houvesse uma identidade específica para cada idealização de sujeito

No tempo em que Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. (EVARISTO, 2003, p. 21)

Ainda trazendo as questões de identidade recorremos a Stuart Hall (2005), que em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, compreende a identidade como em constante construção, ressaltando ainda que há características de identidade que marcam as sociedades. A relação entre representação e símbolo é muito estreita e a história que se narra sobre a nação, um discurso construído, e mesmo das comunidades que a integram, é permeada de símbolos e representações que criam identificações e reconstróem a identidade, ou seja, “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior das representações” (2005, p. 48). Podemos observar esses traços identitários quando a protagonista Ponciá começa imitar o avô e cria uma personalidade para si, com base na identidade de seu avô e esse fato acaba surpreendendo a todos:

No dia que Ponciá Vicêncio desceu do colo da mãe e começou a andar, causou uma grande surpresa.[...] Supresa maior não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. [...] Quando o avô morreu, a menina era tão pequena como agora imitava o avô. (EVARISTO, 2003, p. 16)

Hall (2005), ao falar sobre a perda da identidade do sujeito por conta da massificação dos valores que o particularizam nos possibilita entender como, muitas vezes, há uma fragmentação dessa identidade pessoal justamente pela falta de valorização e reconhecimento dos seus reais propósitos e princípios.

Muitas vezes a direção que Ponciá Vicêncio toma por estar perdida dentro das estruturas que a compõem, isto é, da sua identidade construída sócio historicamente por meio de suas crenças, pode ser um rumo movido por uma busca desesperada de encontrar-se. Os

valores impostos pela sociedade não deixa de traduzir o reflexo da crise existencial que Ponciá enfrenta por não mais saber guiar-se diante de tantos obstáculos sociais.

Conviver por demasiado tempo com práticas sociais que trazem consigo práticas discursivas de convencimento pode provocar nos sujeitos a perda de uma identidade como acontece com a protagonista principal, que não aceita seu nome e quando aprende a ler e escrever busca responder aos questionamentos que lhe afligem com relação ao sobrenome “Vicêncio”. Esta é mais uma marca apontada pela autora, para trazer à tona a questão do negro como objeto, que nem não tem voz, não tem nome e não se reconhece quanto pessoa dentro da sociedade:

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. E era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2003, p. 29)

Vale a pena ressaltar que a construção da identidade do sujeito pode ter influências diversas a partir das diferentes esferas que participa. Contudo, as imposições feitas pelo meio social em que vivem têm enorme domínio na construção desse “eu” tão cheio de dúvidas e inseguranças em suas ações, pensamentos e posicionamentos no meio social. Com isso, vale sinalizar as seguintes considerações:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato existente na consciência do momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, ao invés de falar da identidade como uma coisa, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento (Hall 2003, p.38-39).

Por vezes, Ponciá Vicêncio deixou de lado aquilo que acreditava por não ter coragem de opor-se a uma espécie de tendência coletiva, supostamente realizada pelo ambiente. Muitas vezes, por não ter conhecimento ou ter acesso apenas a um único meio de informação, não consegue deixar valer seus apegos e, inevitavelmente, renuncia seus desejos para ir ao encontro de certas imposições dominantes no meio social. Com isso, Hall acredita que:

[...] As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (2006, p.07).

Uma passagem bastante marcante do livro é quando a personagem Ponciá chega à cidade e vai diretamente para igreja e começa a vivenciar a marginalização, visto que as pessoas a enxergavam com desprezo, com repulsa, medo. Misturada com mendigos Ponciá começa a analisar as pessoas que estavam ali ao seu redor.

Algumas vezes, ela já havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha. Sentia frio e medo. Aos poucos foram chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos, apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais e sentiu um calafrio. Lembrou-se dos santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira. Reviu o chão liso, brilhante, quase escorregadio da igreja. Olhou novamente para os lados, todos calmos, muitos até dormindo. Ela abriu a trouxa, tirou o terço de lágrimas de Nossa Senhora, beijando respeitosamente as contas escuras que diluíam na cor mesma da noite, benzeu-se e começou a rezar a Ave-Maria. (EVARISTO, 2003, p. 40)

Ao longo do romance percebemos que a personagem fica abalada com a violência e a marginalização que ela vê dia após dia na favela onde reside e a partir daí ela começa a refugiar-se dentro de sua memória e viajar nas lembranças escapando do real, é aí que observamos mais uma vez a busca que ela empreende pela identidade e a supressão da mesma:

Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao

homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantando, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p. 20)

Nesse rumo, Conceição Evaristo no romance *Ponciá Vicêncio* (2003) apresenta características que nos permitem associar a escrita dessa mulher à literatura negra, pois ela aborda questões tais como: a valorização da cultura africana, a busca de uma identidade negra silenciada e a condição da figura feminina afrodescendente no Brasil. A partir das reflexões feitas até aqui, observamos que a identidade de um indivíduo é formada num constante processo de diferentes vivências e interações, na qual nunca deixa de haver uma incompletude dentro desse “eu”, tal artifício denominado por Hall de *identificação* é uma forma de entendermos como acontecem as supostas *valorizações* que fazem com que as pessoas interiorizem os distintos aprendizados e formem aos poucos sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui formuladas voltam-se à reflexão da contribuição que a Literatura afro-brasileira pode oferecer na busca pela afirmação da identidade e cultura negra. O estudo de *Ponciá Vicêncio* foi imprescindível para constataremos, a partir de fragmentos retirados do livro, a representação da negritude na obra. A autora apresenta a força da mulher negra, a luta na tentativa de romper com a discriminação. Vale ressaltar, que Conceição Evaristo apresenta um livro que traz à tona uma mulher negra que rompe com os estereótipos impostos aos negros, assumindo sua negritude, lutando contra tudo aquilo que seus descendentes viveram no passado.

Sabe-se que durante muito tempo a população negra foi marcada pela discriminação racial e que isso acabou comprometendo a sua inclusão plena no processo social brasileiro. Como afirma Warley da Costa (2013) [...] Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica.” Os avanços que foram ocorrendo na literatura possibilitaram uma mudança de postura em relação à construção da identidade negra.

Podemos verificar que na medida em que indivíduos negros não se viam representados na literatura brasileira consideraram a importância de escrever suas próprias produções literárias para trazer à tona suas verdadeiras identidades, suas essências, suas origens, para resgatar a negritude prejudicada e silenciada na escrita dos autores brancos da literatura brasileira. A esse respeito, Zilá Bernd (1987, p.21) afirma que “os grupos negros brasileiros estão justamente empenhados em resgatar uma história negra, em recontá-la a partir de outra ótica que não a do dominador, que nunca descuidou de opacificar a participação do negro na história desse país”.

Essa nova postura possibilitou o negro assumir-se como sujeito do seu discurso, denunciar injustiças sofridas e mostrar o orgulho de pertencer a sua etnia. Além desse processo de reformulação da literatura foram instituídas leis que tornam obrigatório o ensino da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” (Lei Nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003./ Lei Nº 11.645, de 10 de Março de 2008.).Essas Leis resultam por contribuir no processo de valorização desses povos.

Desse modo, percebemos quanto o negro foi hostilizado até assumir seu papel de sujeito dentro da literatura e da sociedade. Portanto, Evaristo demonstra, a partir da personagem Ponciá Vicêncio, um olhar literário que parte de um olhar não só de quem viveu e foi afetado pelo regime escravocrata, mas de quem também observou esse acontecimento e o denunciou.

Logo, esta literatura tenta, na medida do possível, preencher lacunas deixadas pela literatura “branca” sobre as questões de identidade negada na qual os negros tiveram que aceitar a cultura dominante. Assim, concluímos que o romance Ponciá Vicêncio contribui para uma afirmação da negritude, identidade e valorização da cultura e memórias negras.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).
- _____. **Introdução à literatura negra**. Editora Brasiliense, 1988 - 101 páginas. De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros / Ana Lúcia Silva Souza [et al...]. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005.
- BRASIL. Lei n.º10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.
- BUZZO, Bruna. **A arte afro das raízes do Brasil**. In: SOUZA, Hamilton Octavio de (Ed.). Os negros: história do negro no Brasil. Fascículo 13 – Arte afro-brasileira. São Paulo: Caros Amigos, 2009, p. 389.
- COELHO, Luís F. M. *Quilombo dos Palmares*. Em: <http://www.cananet.com.br/historia/database/artigo/artigo_102.html>. Acesso em: 15 março 2015.
- DOMINGUES, Petrônio. **Mediações** – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica.
- DU BOIS, W.E.B. **As Almas da Gente Negra**. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- DUARTE, Eduardo de Assis, **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG: 2005, p. 113-131.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FILHO, Domício Proença. **A trajetória do Negro na Literatura Brasileira**. In: Revista Estudos Avançados, vol. 18, nº 50, São Paulo, 2004.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura afro-brasileira** / organização Florentina Souza, Maria Nazaré Lima. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- _____, Florentina; NAZARÉ, Maria Nazaré Lima. **Literatura afro-brasileira**_Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- GAMA, Luiz.(1830-1882) **Primeiras trovas burlescas**. Edição preparada por Getulino.3. Ed. São Paulo :Typ; Bentley Júnior, 1904.

- GUIMARÃES, Bernardo — **A Escrava Isaura**, 5ª ed. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1963, 164 pp.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LIMA, Elizabeth Gonzaga de, **Literatura, história e cultura afro-brasileira**. Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas / Elizabeth Gonzaga de Lima . – Salvador: EDUNEB, 2014.
- LUCIANO, Hélio José, **O negro na Literatura Brasileira: de objeto a sujeito**. Universidade Estadual de Londrina , 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/educacaoemovimentossociais/onegronaliteratura.pdf>. Acesso em: 17 de setembro de 2015.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude; usos e sentidos**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1988.
- NASCIMENTO, Elisa Larkim. **Pan-africanismo na América do Sul**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: Editora da UNB, 2004.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PROENÇA, Domício. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro negro**. nº 25, 1997, pp. 159-177. Texto recebido e aceito em 15 de fevereiro de 2004.
- SOUZA, Florentina. **Literatura afro-brasileira: algumas reflexões**. In: *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*. Ano 1. nº 2. Dezembro, 2005. p. 64-72.
- Terra roxa e outras terras – **Revista de Estudos Literários**. Volume 17-A (dez. 2009) - ISSN 1678-2054.
- SALES, Cristian Souza de; **Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Mirian Alves** / Cristian Souza de Sales . – Salvador, 2011. Disponível em: http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/sales_cristian.pdf. Acesso: 29 de agosto de 2015.
- VIEIRA, Wellington Neves; **Entre recordações e traumas: Conceição Evaristo e Toni Morrison**. ISSN: 1982-3916 ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 6, Volume 12 | jul-dez de 2012. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_12/FORUM_V12_13.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2015.